

OBJETIVAÇÃO

JANAÍNA ZAIDAN BICALHO FONSECA E
KARINE CORREIA DOS SANTOS DE OLIVEIRA*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Bolsista CAPES.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Bolsista CNPq.



Resumo

O principal objetivo deste verbete é apresentar um estudo do conceito de Objetivação de Moscovici (2003), na busca por contribuir para uma compreensão mais sistemática da teoria das Representações Sociais, a qual foi elaborada pelo mesmo autor. Uma análise da capa de uma revista de divulgação científica constitui a tentativa de aplicação do conceito de Objetivação.

Palavras-chave: Objetivação. Representações sociais. Imagens. Linguagem.

É quase impossível pensar em Objetivação sem recorrer às noções cotidianas de objeto. A primeira acepção apresentada pelo dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) para tal termo oferece pistas de como o conhecimento imediato, intuitivo o define: “coisa material que pode ser percebida pelos sentidos.” (HOUAISS, p. 1371). Nesse sentido, a noção de objeto é relacionada a algo concreto e palpável.

Já para a psicologia social, a Objetivação (MOSCOVICI, 2003) não está relacionada a objetos do mundo “real” definidos previamente, mas a referentes ou objetos de discursos essencialmente inacabados, em constante mudança e, por isso, impossíveis de serem descritos ou definidos completamente (Koch 2005; Mondada; Dubois, 2003).

Nessa mesma perspectiva, a noção de realidade também deve ser revista. Longe de ser somente um produto de experiências sensíveis e imutáveis, a realidade não é única. É possível pensar em realidades e, por conseguinte, em Representações Sociais – RS – diversas (MOSCOVICI, 2003). A realidade, portanto, existe quase que exclusivamente em razão da multiplicidade de sentidos e de referentes que abarca. São as RS que submetem a realidade do ser ou de um grupo social a determinados controles sociocognitivos, ou seja, agem como guias da ação, por modelarem e elaborarem os elementos da situação interativa. (MOSCOVICI, 2003).

O conceito de RS é, portanto, necessário para compreender o termo Objetivação, também cunhado pela psicologia social e objeto de ocupação principal deste verbete. Para Moscovici (2003), a Objetivação e a Ancoragem são os dois principais processos geradores das RS sendo que ancorar implica classificar e nomear objetos, pessoas, ações etc.

O processo de Objetivação está relacionado à qualidade icônica de uma ideia e possibilita a materialização de conceitos em imagens (MOSCOVICI, 2003). A Objetivação é um mecanismo de concretização simbólica da realidade das RS. Todavia, o processo de Objetivação de RS leva um tempo para ser elaborado e aceito, pois implica seguir algumas etapas.

A primeira etapa do processo de Objetivação das RS ocorre quando determinadas crenças, valores e normas das formações sociais, de que emergem as RS, são selecionadas e descontextualizadas. A segunda etapa seria a organização dos elementos que constituem os núcleos figurativos. A última etapa pode ser compreendida como o momento da estruturação, formação das crenças, dos valores e das normas que foram anteriormente selecionadas e descontextualizadas no processo primário da Objetivação. Tal estruturação obedece a uma dinâmica própria da RS a que está integrada. Quanto à determinação dos elementos que constituem os núcleos figurativos, pode-se pensar em diversos tipos de linguagens. Um exemplo de Objetivação é a concretização ou aproximação da RS ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa através da imagem de um personagem com a boca em forma de livro publicada em uma revista de popularização científica de grande circulação.



Figura 1 – Imagem de Objetivação
Fonte: Revista Nova Escola, 2010.

Essa relação faz emergir uma RS do livro como símbolo de um saber correto e, ainda, como detentor de um registro linguístico capaz de ser sistematizado e ensinado. Exatamente por isso a figura do livro é que substitui os lábios do aluno, ancorando-se, por exemplo, no estranhamento que um professor de língua materna leitor da revista teria ao pensar que a aprendizagem de uma modalidade oral culta de uma língua não garante ao aluno sucesso em toda e qualquer interação oral de que ele participar. Esse possível estranhamento do professor apoiado por um conhecimento científico sobre o seu objeto de ensino – a língua e a linguagem – serve de âncora para que o processo de construção de uma dada RS sobre o que é o aprendizado da oralidade e da escrita seja construído. O discurso da ciência é o perturbador da continuidade de RS. Outra âncora importante é o uso do termo “oralidade” em letras menores. Ao ler esse termo junto do termo “falar” um leitor não conhecedor dos pressupostos teóricos sobre o tema poderá estabelecer uma relação direta entre eles contribuindo para o fortalecimento de uma RS que rompe com os pressupostos científicos já expostos.

Para construir a RS é necessário, como já salientado, que o processo de Objetivação também atue. No exemplo em análise, a primeira etapa da Objetivação ou a descontextualização do saber científico do professor ocorre pelo próprio gênero discursivo revista de divulgação científica para a escola e não para o professor de língua materna. Outra pista de descontextualização é o uso de itens lexicais relacionados a uma temática muito distinta da abordagem dos pesquisadores da área. O termo falar, por meio de uma abordagem científica, não é associado a uma competência aprendida na escola, pois o indivíduo aprende a falar antes de começar a estudar na escola. Para finalizar a análise ilustrando como ocorre o processo de ancoragem e Objetivação, portanto, falta demonstrar como ocorre a estruturação da Objetivação, que se dá por meio de todos os discursos instaurados na capa da revista, dos mecanismos já explicados e por meio dos conhecimentos, valores e crenças acionados pelo leitor da revista.

É nítido que o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa é concebido, na capa da revista, por uma concepção da escola como lugar do saber correto e melhor, acionando um conjunto de atitudes e de RS. Tais representações – que vão ao encontro das concepções mais comuns sobre a educação no Brasil – se estabelecem devido à formação ideológica advinda da Revista Nova Escola, a qual, no exemplo, teve como objetivo demonstrar que a escola é lugar onde se aprende o correto e, nessa perspectiva, a língua correta.

A revista desconsidera o foco das pesquisas mais atuais sobre o ensino de gêneros. Para ela, a escola parece um lugar que ensina ou que deve ensinar o conhecimento norteado pelas instâncias acadêmicas e parametrizadoras, isto é, conforme os padrões mínimos de exigência das instâncias educativas e formativas como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Tal formação ideológica se concretiza na figura do aluno – presente na capa da Revista Nova Escola – que se apresenta com um livro representando seus lábios, o que nos remete à ideia de que a oralidade adequada também é um conhecimento a ser adquirido

e ensinado. Temos, assim, uma nova faceta da segunda etapa da Objetivação sendo configurada, isto é, quando há uma estruturação dos valores, das normas e das crenças em busca de um determinado efeito de verdade – genuinamente discursivo. Esse efeito parece buscar orientar outras RS que não as acionadas por um primeiro processo de Objetivação, o que é realizado por um processo de descontextualização que não prevê a constituição de uma situação comunicativa específica, como ocorre na Revista Nova Escola. Por fim, há a naturalização das relações pautadas pelo vínculo entre organização conceitual e expressões languageiras. Sendo assim, o conceito de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é objetivado, já que concretiza a RS de que o ensino deve se fundamentar em determinados pré-requisitos.

Segundo Moscovici (2003), não são todas as palavras que se referem a determinado objeto que produzirão imagens sobre ele ou que contribuirão para a Objetivação. A Objetivação depende da existência de um número suficiente de imagens facilmente acessíveis, do não relacionamento de tais imagens a tabus e da “afinidade dos paradigmas expressos através dessas imagens com paradigmas mais atuais.” (MOSCOVICI, 2003, p. 73). Isso significa que somente serão integradas ao núcleo figurativo das RS aquelas imagens que possibilitarem a conservação e, conseqüentemente, a consolidação de pensamentos já objetivados. Tal potencial ou poder figurativo das imagens ou conceitos é orientado pelas ações de grupos da sociedade que acessam suas crenças e o seu “estoque” preexistente de imagens para selecionar as “melhores” imagens ou aquelas dotadas de mais características comuns a uma determinada RS, para serem “objeto” de Objetivações. Desse modo, pode-se determinar que o processo de Objetivação depende das formações ideológicas. Para Brandão (1991), as formações ideológicas são um elemento capaz de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social, em um determinado momento. A autora entende que cada formação ideológica estabelece um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas que se relacionam de maneira mais ou menos direta a posições de classe em conflito.

Nesse sentido, a formação ideológica tem como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Desse modo, as formações discursivas inscritas em uma formação ideológica é que vão determinar o que pode ou deve ser dito a partir de uma conjuntura dada. (BRANDÃO, 1991).

A terceira etapa, vinculada à fase inicial do processo de elaboração da Objetivação, configura-se pela sistematização ou conceitualização das relações esquemáticas estabelecidas entre os elementos do Núcleo Central – o qual “representa, de forma figurativa, a estrutura conceitual, de modo que adquiram certa materialidade, criando-se vínculos estáveis entre organização conceitual e expressões languageiras.” (MATENCIO, 2006, p. 10).

A conclusão ou naturalização do processo de Objetivação pela instauração de uma RS não significa que não ocorrerão mais mudanças na maneira de compreender determinado objeto ou ideia. Contudo, a

mudança de uma RS é difícil, pois é condicionada à disposição natural de afirmação das RS já formadas e confirmadas pelo acesso mais frequente de termos, isto é, pelos objetos de discurso relacionados à mesma.

A Objetivação, portanto, implica a concretização e a naturalização de uma RS. A realidade, nesse viés, continua sendo multifacetada, pois “o que há, na verdade, são conjuntos de crenças e conhecimentos sobre o mundo e sobre como agir nele.” (MATENCIO, 2008, p. 11). Sob essa perspectiva, a Objetivação é um processo que só é possível de ser compreendido através de pistas materializadas em processos interacionais específicos com seus respectivos sentidos (re)formulados por características sociais, históricas e culturais. (BAKHTIN, 2002).

ABSTRACT

The main purpose of this entry is to present a study of the Objectification concept of Moscovici (2003) while attempting to contribute to a more systematic understanding of the theory of Social Representations, elaborated by the same author. An analysis of the cover of a science magazine constitutes the attempt of application of the concept of Objectification.

Keywords: Objectification. Social representations. Images. Language.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

ABRIC, J. C. *Methodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne: Èrès, 2003.

MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles; RIBEIRO, Pollyane Bicalho. A dinâmica das e nas representações sociais: o que dizem os dados textuais? *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 229-238, set./dez. 2009.

PY, Bernard. Pour une approche linguistique des représentations sociales. In: *Langages: Représentations métalinguistiques ordinaires et discours*, Paris, n. 154, p. 6-19, jun. 2004. (Digitalizado)

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 10. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 1991.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**: versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM
- KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- MATENCIO, M. L. M. **Os movimentos dos sentidos**: unidades lexicais complexas e representações sociais. 2008. (Digitalizado).
- MATENCIO, M. L. M. Gêneros discursivos na formação de professores: reflexões sobre a construção de saberes e o processo de letramento. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Educação de professores de línguas**: os desafios do formador. Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 189-199.
- MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril, n. 230, mar. 2010. (Capa).